

VOZES DE CAMPOS DO JORDÃO: EXPERIÊNCIAS SOCIAIS E PSÍQUICAS DO TUBERCULOSO PULMONAR NO ESTADO DE SÃO PAULO. Nogueira O. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2009. 220 p. (Coleção História e Saúde; Clássicos e Fontes).

ISBN: 978-85-7541-179-7

O livro do sociólogo Oracy Nogueira (1917-1996) – *Vozes de Campos do Jordão: Experiências Sociais e Psíquicas do Tuberculoso Pulmonar no Estado de São Paulo* – foi inicialmente concebido como uma dissertação de mestrado defendida (1945) na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) em São Paulo. Sendo publicado parceladamente em 1949, na revista *Sociologia*, saiu em livro no ano seguinte pela Editora da ELSP. Finalmente, depois de sessenta anos, é primorosamente reeditado pela Editora Fiocruz graças aos esforços da antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro), coordenadora do Fundo Oracy Nogueira, criado em 2007, que também foi responsável pela reedição de *Preconceito Racial de Marca: Relações Raciais em Itapetininga*.

Trata-se de uma obra de importância significativa tanto para a história sociocultural da doença – é um dos estudos pioneiros no Brasil sobre a tuberculose – quanto para a teoria sociológica e antropológica em geral, tendo em vista a perspectiva teórico-metodológica – de nítido sabor contemporâneo – desenvolvida na pesquisa. O principal objetivo do trabalho é caracterizar a vida do tuberculoso em Campos do Jordão, uma estação de cura que, devido ao seu clima seco e ameno, tornou-se famosa na primeira metade do século XX. É digno de nota o fato de Oracy Nogueira ter tido tuberculose quando jovem, sendo tratado em um sanatório de São José dos Campos. O foco de análise é a experiência social em “*ambiente tuberculoso*”, na expressão usada pelo autor, o qual é descrito pelos relatos e informações dadas por médicos, pacientes, enfermeiros, administradores de sanatórios, funcionários públicos, proprietários de pensões, turistas... “*enfim, pessoas que se encontravam na estação de cura em função dos mais variados interesses*” (p. 53). Vários foram os instrumentos utilizados para a coleta de dados: questionários, observações diretas, entrevistas e documentos diversos (regulamento de sanatórios e recortes de jornais). De

particular interesse são os documentos íntimos, como trabalhos literários, cartas e diários, pois, como observa o autor no Apêndice (no qual traz excertos de um notável depoimento de uma jovem tuberculosa de vinte e cinco anos de idade), através deles “o sociólogo descobre a concepção que o indivíduo tem de seu papel e de seu status nos vários grupos de que é membro (...) ele ainda muito aprende sobre os aspectos subjetivos da cultura e da organização social, das instituições e movimentos sociais” (p. 137). O “ambiente tuberculoso” é analisado por diversas perspectivas: idéias e estigma; conversas informais (“...assunto predominante e absorvente, em quase todos os momentos”, p. 39); comportamentos dos atores sociais envolvidos direta ou indiretamente com a tuberculose; condições de vida; “regime” nos sanatórios e pensões; manifestações psicológicas dos doentes; relações entre terapeutas e pacientes. A conclusão apresenta, de forma esquemática, dezesseis generalizações que, adverte o autor, “não podem ser extendidas, ipso facto, a casos que não se enquadrem nas circunstâncias aqui referidas” (p. 50). Além de ilustrações, são dignos de nota o Prefácio (Marcos Chor Maio) e a Introdução (Maria Laura Viveiro de Castro Cavalcanti). Ambos contêm informações bastante esclarecedoras para a compreensão da época e obra de Oracy Nogueira.

Uma obra clássica até então esquecida. Na história da teoria sócio-antropológica desenvolvida no Brasil, o estudo de Oracy Nogueira não ocupou uma posição de influenciador, como caracteriza o cânone. Mas é uma obra clássica no sentido de ser exemplar e cuja excelência é capaz de resistir ao tempo. É referência, em primeiro lugar, porque exige atenção de um olhar específico através do qual nos debruçamos no passado a partir de uma projeção do presente no futuro. *Vozes de Campos do Jordão: Experiências Sociais e Psíquicas do Tuberculoso Pulmonar no Estado de São Paulo* é trabalho clássico, pois fornece uma instigante integração entre nosso presente de intérpretes e o passado que a obra nos transmite. O clássico nos intimida.

Entre os múltiplos campos de possibilidades interpretativas que são abertos no presente estudo, cabe destacar a sua íntima aproximação com a “Escola de Chicago” e, de forma especial, com a chamada “segunda Escola de Chicago”, caracterizada por trabalhos de orientação interacionista e por novas teorias do desvio (“*labeling theory*”).

A trajetória intelectual (e existencial) do sociólogo paulista – muito bem esboçada na Introdução – é de importância significativa para se compreender uma das principais vias pelas quais a abordagem interacionista foi introduzida no Brasil. Em rápida síntese, Oracy Nogueira iniciou a sua “*aprendizagem racional do ofício*”, no dizer de Boltanski, na ELSP, onde obteve o bacharelado (1940) e o mestrado (1942-1945), sob orientação de Donald Pierson (1900-1995), sociólogo americano pós-graduado pela Universidade de Chicago, instituição na qual Oracy Nogueira cursou disciplinas para o seu inconcluso doutoramento (1945-1947).

Essa universidade foi um dos principais centros de divulgação do interacionismo simbólico. Nela trabalhou Herbert Blumer e nela se doutorou Erving Goffman, o qual iniciou seu curso no Departamento de Sociologia em 1945, mesmo ano de ingresso do nosso sociólogo.

Vozes de Campos do Jordão: Experiências Sociais e Psíquicas do Tuberculoso Pulmonar no Estado de São Paulo está em consonância com alguns dos pressupostos teórico-metodológicos da chamada “Escola de Chicago”: a análise da sociedade (Campos de Jordão) em seu conjunto; o trabalho de campo revelador de conhecimento prático direto sobre a realidade estudada; a utilização de múltiplas técnicas na coleta de dados. Os resultados gerais obtidos na pesquisa explicitam um processo integrativo entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido, cujo sentido vai muito mais além do objetivismo usualmente proposto pelas ciências naturais. Nessa perspectiva teórico-metodológica, Oracy Nogueira ultrapassa as fronteiras convencionais das disciplinas integrantes das ciências humanas. Nas palavras do autor, seu trabalho situa-se “na confluência da sociologia, da psicologia social e da antropologia” (p. 29). Sem dúvida uma postura contrastante com uma corrente atual de cientistas sociais que tanto se ocupam no patrulhamento das fronteiras disciplinares.

Um dos aspectos mais instigante da obra diz respeito ao conceito de “*ambiente tuberculoso*” que, em várias formas, antecipa a idéia de “*experiência social da doença*” desenvolvida principalmente a partir da década de 1980. Os estudos sobre experiência caracterizam-se por compreender e problematizar o modo de ser – vivências – do sujeito no mundo. Partem da premissa de que experiência é o meio pelo qual o mundo se coloca face a nós e dentro de nós e, como tal, está sempre localizada no tempo e no espaço. Nessa perspectiva, a preocupação com os processos de interação entre indivíduos na esfera da vida cotidiana torna-se fundamental. Voltando-se para a compreensão dos modos de coexistência entre indivíduos, esses trabalhos tendem a enfatizar questões da “intersubjetividade” (essa “compreensão mútua” pré-existente nas relações entre os diversos “eus” que compartilham uma dada realidade social).

O conceito “*ambiente tuberculoso*” nos fornece luz para conceber a doença como uma experiência social, como um fenômeno relacionado a um conjunto de elementos sócio-culturais (e naturais) que estão interligados entre si. É o “mundo da doença” (“*sickness*”) que se diferencia tanto da noção de doença como um processo patológico, concebido por um determinado modelo institucionalizado ou profissional da medicina (“*disease*”) quanto de percepções subjetivas do sofrimento vivenciadas por indivíduos (“*illness*”). Trata-se de um conceito que nos remete a um fenômeno intersubjetivo, ao horizonte de significados e instituições associados à enfermidade ou ao sofrimento. É a dimensão constitutiva da doença subjacente aos sujeitos singulares empíricos e às formulações científicas ou “*folk*” da

enfermidade. Concebido no cotidiano do mundo-da-vida, o “*mundo da doença*” é formado pelas conversas, valores, preconceitos, atitudes, informações midiáticas, pelas diferentes práticas institucionais e organizações de tratamento e cura.

Por todas essas e outras razões, *Vozes de Campos do Jordão: Experiências Sociais e Psíquicas do Tuberculoso Pulmonar no Estado de São Paulo* é de surpreendente atualidade. Procura concretizar uma característica que marca grande parte das teorias sócio-culturais contemporâneas: a de não centrar a reflexão na busca de regularidades objetivas (estruturas, leis, sistemas de relações, padrões culturais etc.) com objetivo de tomar um maior distanciamento entre o homem e o seu ambiente. Nessa atitude, corremos o risco de perder de vista a pluralidade, as distinções, as diferenças e alteridades que marcam os seres humanos e seus mundos sociais. Lendo o trabalho de Oracy Nogueira, lembramos de Hannah Arendt ao observar (*A Condição Humana*) que quanto mais nos desvencilhamos do que estar perto de nós e nos retiramos a uma distância do que nos rodeia, terminamos nos alienando do nosso ambiente imediato e terreno e, assim, “*perdemos o mundo*”.

Paulo César Alves
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.
paulo.c.alves@uol.com.br